

BRASIL E BRASILEIROS INTERPRETAÇÕES CIENTIFICISTAS/ENSAIOS DE CARACTERIZAÇÃO*

*Márcia Regina Capelari Naxará***

Resumo: O artigo analisa alguns dos pressupostos cientificistas presentes nas primeiras tentativas de conhecimento do Brasil e da população brasileira realizadas na passagem do século XIX para o XX e que tiveram como preocupação central o estabelecimento de uma identidade do povo brasileiro, o diagnóstico dos seus problemas, a avaliação das perspectivas e possibilidades para alcançar o progresso e constituir uma nação civilizada. O caminho é percorrido através de escritos de Euclides da Cunha, Silvio Romero e Manoel Bomfim.

PALAVRAS-CHAVE: Representação, Raça, Povo, Identidade, Progresso.

"O sertanejo é antes de tudo um forte."

Euclides da Cunha

Os Sertões / 1902

A dificuldade na definição de uma identidade do povo brasileiro, presente na raiz e na dubiedade da própria definição de povo, levou a que este, em geral, fosse definido, não pelos seus atributos, mas pelo seu contrário, ou seja, pelo que lhe faltava, pela sua negação. Ao longo do século XIX foi realizado um esforço para a construção de uma identidade que, aos poucos, tomou forma em múltiplas representações do brasileiro. Procurava-se uma representação que pudesse ser um conjunto das características onde se encaixasse a maior parte dos brasileiros e, mais que isso, uma definição que comportasse os elementos do progresso e da civilização ou, ao menos, desse indicações das suas possibilidades futuras e que permitisse pensar o que era "ser brasileiro".

* Texto baseado em parte da monografia de mestrado defendida junto ao Departamento de História do IFCH / UNICAMP, em dezembro de 1991, com o título *Estrangeiro em sua própria terra: representações do trabalhador nacional - 1870/1920*, sob orientação do Prof. Dr. Robert W.A. Slenes.

** Doutora em História - IFCH/UNICAMP.

Os caminhos para uma tal procura foram bastante diferenciados. Ao mesmo tempo em que os ensaios procuravam ou achavam importante identificar, na diversidade, os traços comuns que pudessem levar a uma identidade, compreendida como homogeneidade, surgia uma literatura regionalista que procurava justamente afirmar a brasilidade através da diversidade, ou seja, da afirmação das diferenças peculiares dos tipos e personagens característicos das diversas regiões brasileiras. Abordar teoricamente essa população e conhecê-la colocava problemas, na medida em que pensar a sociedade brasileira, pressupunha uma análise da sua formação étnico-cultural e pensar as teorias raciais num país de mestiços, apresentava não poucas dificuldades¹.

As primeiras manifestações em direção ao conhecimento dessa sociedade, de acordo com Antonio Cândido, foram literárias. A ciência ensaiava no Brasil², seus primeiros passos e foi a literatura que contribuiu inicialmente para um esforço de afirmação nacional – "a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito". Isto teria dado origem a um "gênero misto de ensaio, construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte", uma "forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil"; tais ensaios aparecendo mais como "ponto de vista" do que propriamente como ciência³. Importantes, na medida em que contribuíram para a formação e informação do restrito público a que se dirigiam, respondendo, de certa forma, aos seus anseios e perspectivas, formando como que um caldo de cultura de onde emergiram e tomaram forma as diversas representações sobre o brasileiro.

-
- 1 VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870/1914*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 58. Analisou a disseminação das teorias raciais no Brasil do final do século XIX, no sentido de que "A proclamada inferioridade das raças não-brancas, (...) colocavam um dilema para a elite brasileira, que oscilava entre o liberalismo e o racismo, (...) O racismo científico foi adotado, de forma quase unânime, a partir de 1880, enviando os ideários liberais, ao refrear suas tendências igualitárias e democratizantes e dar argumentos para estruturas sociais e políticas autoritárias."
 - 2 CORRÊA, Mariza. *As Ilusões da Liberdade – A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 1982. p. 12. , abordou as dificuldades para a distinção e localização da emergência do campo das Ciências Sociais, em particular a Antropologia, como disciplina autônoma no Brasil, considerando a necessidade da lembrança de que, quando o termo começou a ser utilizado entre nós, "a formação do intelectual brasileiro se restringia quase só à possibilidade de tornar-se ele um médico, um jurista ou um engenheiro. O que, curiosamente, levou a uma ampliação de seus interesses teóricos e de pesquisa (...) e não no seu confinamento nos campos em que tinham sido instruídos".
 - 3 CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3ª ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1973. p. 130.

EUCLIDES DA CUNHA: um ponto de vista

Euclides da Cunha iniciou sua obra *Os Sertões* com uma análise pessimista e uma previsão sombria:

"Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexo de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra.

O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas."⁴

Ao acreditar na fatalidade do desaparecimento das "raças inferiores" e "mestiças", Euclides identificou dois brasis: um que poderia vir a ser e outro, fadado ao desaparecimento. Desaparecimento de um modo de vida ou de uma parcela da população: era preciso matar ou transformar o velho Brasil, ou a sua imagem, para que um novo pudesse surgir, (re)nascer.

Euclides desenvolveu suas observações sobre o povo brasileiro a partir de sua experiência como jornalista d'*O Estado de São Paulo* na Campanha de Canudos, de onde resultou *Os Sertões*, e de outras viagens que empreendeu pelo Brasil. Admirador incondicional do progresso científico e tecnológico de sua época, Euclides manifestava um grande otimismo na expansão e alcance da civilização que carregaria no seu caudal todos os remanescentes de um mundo anterior em extinção. Restariam aqueles que acompanhassem a marcha inexorável da civilização.

A ciência levou o mundo a um desenvolvimento jamais visto, que transformou a terra em "serva submissa do pensamento humano"⁵. Para Euclides seu tempo era um tempo de glória para a humanidade, tempos de um desvendamento sem paralelo da natureza, do triunfo das leis positivas que

4 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões - Campanha de Canudos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 7 (1a. edição - 1902).

5 CUNHA, Euclides da. "Civilização" IN: *Contrastes e Confrontos*. São Paulo: Cultrix/Brasília, INL, 1975. p. 154. (A 1ª edição foi feita em Portugal em 1907, enfeixando 28 artigos, a maioria de 1904).

levariam ao "reinado tranquilo das ciências e das artes"⁶. E é justamente o engenho que se transforma em força de dominação, que se impõe de forma irresistível, subjugando os fracos: aqueles que não pudessem assimilar e caminhar ao lado da civilização desapareceriam submetidos pelos mais fortes⁷, num processo de luta permanente e indefinida, luta de "espécies sociais" pela sobrevivência, em similaridade à que se verificava na natureza.

N'Os Sertões Euclides elaborou a famosa descrição do sertanejo – forte e fraco ao mesmo tempo. Juntou-se, no mesmo ser, a fraqueza e a fortaleza inerentes ao sertanejo brasileiro – um personagem que carrega em si a sua própria ambigüidade, tornada possível no pensamento de Euclides a partir da distinção efetuada entre os mestiços do litoral e os do sertão. O sertanejo é fruto da miscigenação de antigos bandeirantes paulistas com os índios do sertão em oposição ao mulato do litoral, que tem ascendência negra. Este sertanejo já teria formado uma sub-raça com caracteres estáveis, próprios, devido ao isolamento em que se desenvolveu, sendo superior ao mestiço do litoral.

"Deste modo se estabeleceu distinção perfeita entre os cruzamentos realizados no sertão e no litoral."⁸

"... – em toda a orla do sertão de Canudos – se estabeleceu desde o alvorecer da nossa história um farto povoamento, em que sobressaía o aborígine amalgamando-se ao branco e ao negro, sem que estes se avolumassem ao ponto de dirimir a sua influência inegável."⁹

6 CUNHA, Euclides. "Um Velho Problema" IN: *Contrastes e Confrontos*, Op. cit. p. 146. Artigo centrado na discussão das injustiças, em especial a da propriedade, iniciando com o direito de roubo, expresso em velhas leis consuetudinárias da Borgonha, defendido inclusive por S. Tomás de Aquino. Passa pela discussão dos direitos do século XVIII em que se erigiu a propriedade burguesa até a sua crítica por Marx. Não acredita na revolução, pois acha que a evolução está a caminho... Aponta o triunfo inevitável que seria garantido pelas "leis positivas da sociedade que criarão o reinado tranquilo das ciências e das artes..."

7 Euclides da Cunha concebe a formação das sociedades, dentro de um processo evolutivo, a partir da heterogeneidade primitiva e natural para a homogeneidade social e utiliza os conceitos de raça e sub-raça de um ponto de vista étnico-cultural. Referindo-se a Gumplowicz e pensando suas teorias para o caso brasileiro afirmou: "Seguindo paralelamente o pensamento do escritor germânico, que entretanto, ao delinear-lo não cogitava o Brasil, podemos caracterizar o nosso movimento evolutivo como um resultado da ação de raças heterogêneas que se acham entre si numa relação de subordinação ou de predomínio, ou num equilíbrio mais ou menos estável, obtido à custa de compromissos políticos, determinando uma superposição de classes que se erige na ordem política como a seleção natural das raças". Resenha a BRUNO, J. Pereira S. *O Brasil Mental*. IN: Euclides da CUNHA, *Obras Completas* Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Ed., 1966. p. 411.

8 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. Op. cit. p. 76.

9 Idem, p. 84.

O mestiço do litoral, sem o isolamento, esteve sujeito a um indesejável excesso de miscigenação:

"Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso." (...)

"De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado. (...) não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas, de raças repentinamente aproximadas, fundidas num organismo isolado."¹⁰

Dá-se a condenação do mestiço num país de mestiços. Uma abordagem elaborada através da diferenciação entre sertão e litoral, definindo "mestiços" e "mestiços". Houve recorrência ao isolamento e ao tempo para o estabelecimento do sertanejo como sub-raça, que não esteve sujeita à miscigenação exagerada, mas que porta suas próprias ambigüidades.

É interessante ver a construção da imagem do sertanejo com que Euclides abriu a segunda parte d'*Os Sertões*, a que se refere ao homem:

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral".

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

"É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (...) uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

10 *Idem*, p. 87.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. (...) da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja – caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas."¹¹

Dois momentos opostos na descrição de Euclides; um único personagem. A ilusão da aparência conferindo à caracterização do sertanejo uma fluidez sempre renovada, "... a todo momento, em todos os pormenores da vida sertaneja...". Instantaneamente uma e/ou outra coisa – "É o homem permanentemente fatigado", de uma "aparência de cansaço que ilude".

Um mesmo personagem portando, aparentemente, características antagônicas – uma que o deprime, outra que o exalta. Presentes no texto representações que seriam estendidas e generalizadas para a população brasileira. A fortaleza na esfera do mito, a imagem do "titã", do brasileiro que poderia ser e não é ou o é somente instantaneamente, quando a situação o exige. Em contrapartida: a atonia, a desesperança, a displicência, a humildade, a fadiga. Para Euclides, a preocupação e ambigüidade com relação ao progresso e à civilização, na medida em que o brasileiro típico seria envolvido pelo seu caudal, já que não tinha mais *tempo*, nem *força*, para alcançar e disputar com os povos mais avançados. Euclides, ao se referir à população brasileira e ao Brasil, prognosticava:

"Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desapareceremos."¹²

11 Idem, p. 91-92.

12 Idem, p. 60.

A fatalidade do progresso com suas máquinas e artefatos, deslumbrando o mundo e apregoando uma nova era tornava a comparação inevitável e difícil. Realçava o atraso e a miséria e contribuía para uma visão negativa e desesperançada, pelo menos com relação à parte do Brasil que parecia impermeável ao desenvolvimento.

Ora, muito embora Euclides fosse incisivo em preconizar os males da mestiçagem e a possibilidade do desaparecimento da população mestiça, ele faz, na verdade, um elogio a sertanejo e à sua ação no meio em que vive, de forma que o requisitório se dirige mais para a situação de miséria e abandono, esta debitada não aos próprios miseráveis, mas à política que os mantinha em tal estado. Quanto ao sertanejo, uma vez operada a sua distinção e origem (com pouca mestiçagem negra e tendo passado por um período de isolamento para constituir uma sub-raça) na descrição de Euclides no decorrer d'*Os Sertões*, ele se torna digno de elogio, é enaltecido em suas qualidades que, no entanto, estão escondidas, "adormecidas" e precisam ser despertadas ou espicaçadas para serem desencadeadas e se revelarem.

Depois da publicação d'*Os Sertões* Euclides escreveu diversos artigos para jornais cariocas e paulistas, mais tarde reunidos para publicação em *Contrastes e Confrontos*¹³. Desses artigos, três são bastante relevantes para o estudo das idéias que estavam sendo formuladas a respeito do nacional naquele momento: "Fazedores de Desertos", "Entre as Ruínas" e "Nativismo Provisório".

Detendo-se no Vale do Paraíba paulista, descreve os traços das "grandezas decaídas" e da "tristeza daqueles ermos desolados"¹⁴. Ruína que afeta a natureza e o homem.

"As estradas são ermas. De longe em longe um caminhante. Mas é também um decaído. Não é daqueles caboclos rijos e mateiros, que abriram neste vale as picadas atrevidas das "bandeiras". O *caipira* desfibrado, sem o desempenho dos titãs bronzeados que lhe formam a linha obscura e heróica, saúda-nos com uma humildade revoltante, esboçando o momo de um sorriso, deplorável, e deixa-nos mais apreensivos, como se víssemos uma ruína maior por cima daquela enorme ruína da terra."¹⁵

13 CUNHA, Euclides da. "Fazedores de Desertos" IN: *Contrastes e Confrontos*. *Op. cit.* p. 126 e seguintes.

14 CUNHA, Euclides da. "Entre as Ruínas" IN: *Contrastes e Confrontos*, *Op. cit.* p. 131.

15 *Idem*, p. 132.

A comparação do caipira decaído com os antigos "titãs" das bandeiras retomando, não involuntariamente, a imagem do sertanejo de *Os Sertões*¹⁶. A imagem retida pelo observador é profundamente triste, desoladora: a imagem do caipira desfibrado, de uma "humildade revoltante". Aparecem os primeiros elementos para a caracterização do caipira decadente, arruinado, sem ânimo, que transparecerá em toda a literatura posterior. Euclides lamenta e denuncia, fundamentalmente, a inexistência de um povo – a "instabilidade de uma formação etnológica não ultimada e longa"¹⁷ que ocorrerá, quem sabe, num futuro ainda remoto.

Ao tratar do povo brasileiro, do nacional, Euclides utilizou, por um lado, um viés romântico¹⁸, ao procurar as origens "nobres", corajosas dos paulistas, conduzindo à idéia de um passado melhor, mais forte e, de outro, o tratamento da situação presente, de forma que o caipira tal como foi visto, tornou-se objeto de uma dupla comparação: uma na sua linha ascendente, ao "caboclo" mateiro, rijo, bronzado, verdadeiro "titã"; outra na situação presente, em que é confrontado com os imigrantes, que encarnam a civilização que chega – difícil ignorar os efeitos advindos de uma entrada maciça de estrangeiros na terra, por um lado e, por outro, a comparação a um personagem mítico, heróico, de um tempo já desaparecido. Na comparação, o caipira perde, sempre.

Euclides não esteve isento às tensões que envolviam identidade e nação. Para ele deveria haver um cuidado em resguardar os atributos essenciais da raça brasileira, em relação à entrada de imigrantes estrangeiros. Acreditava que o país necessitava da imigração – "carecemos de colaboração artística e do adiantamento de outros povos"¹⁹, – mas esse era um elemento complicador frente à formação histórica naturalmente complexa e incompleta do povo brasileiro. Não é o imigrante que se vê na contingência de se adaptar à feição do povo que o acolhe mas é ele que vai "a pouco e pouco trazendo-nos o seu ambiente moral" facilitado pelo nosso "desapego às tradições, ao cosmopolitismo instintivo e à insegurança dos nossos estímulos próprios."²⁰ Resulta daí "o exílio paradoxal dentro da nossa própria terra". A conquista pela infiltração poderosa do gênio e da atividade e não pelas armas. Esta a forma pela qual as culturas fortes dominariam o mundo.

16 Nos dois casos, tanto o caipira decaído como o sertanejo d'*Os Sertões*, têm uma origem comum, provindo dos "titãs" das bandeiras paulistas.

17 CUNHA, Euclides da. "Nativismo Provisório" IN: *Contrastes e Confrontos*, Op. cit. p. 135.

18 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 133.

19 CUNHA, Euclides da. "Nativismo Provisório" IN: *Contrastes e Confrontos*. Op. cit. p. 136.

20 *Idem*, p. 136.

A aproximação entre técnica, progresso e indústria, colocou sérias indagações. Aqui no nosso embate particular, o atraso brasileiro *versus* o progresso inelutável da civilização, precisaríamos medidas que contrabalançassem a "nossa evidente fragilidade de raça ainda incompleta, com a integridade absorvente das raças já constituídas". O progresso na linha evolutiva se verificaria através do tempo, portanto, da história. O Brasil precisava e não dispunha de tempo para alcançar a civilização e a sobrevivência estaria reservada aos mais aptos. Apesar da ambigüidade e do elogio do sertanejo, o imigrante representava essa força avassaladora do gênio da civilização e da raça que foi contraponto importante em meio à preocupação com a identidade nacional, que antes de existir poderia se perder. Euclides fala com orgulho do sertanejo – nosso "titã", e com tristeza do caipira desfibrado, excessivamente humilde que ele encontra – não o acusa de nada, simplesmente lamenta.

SILVIO ROMERO: um debate

No ano de 1907, Silvio Romero em *O Brasil Social* estabeleceu uma polêmica com Euclides da Cunha em relação às suas previsões para as populações sertanejas do Brasil e a perspectiva do seu desaparecimento frente à entrada avassaladora de povos etnicamente superiores e melhor adaptados às condições de progresso do mundo, nos seguintes termos:

"Mas essa parte das nossas gentes, destinada a seu vêr, a apagar-se da vida e da história, é a maior parte da nação e é aquella que fundou as nossas riquezas, e é aquella que tem mantido a nossa independência, porque é aquella que sempre trabalhou e ainda trabalha, sempre se bateu e ainda se bate..."²¹.

Na sua argumentação, procurou mostrar que existiam razões no próprio desenvolvimento histórico do país para explicar a situação de marginalidade em que viviam grandes parcelas da população brasileira. Para tanto, retomou o processo de ocupação da terra no sentido de mostrar que o grosso do proletariado rural do Brasil (trabalhadores livres pobres) "teve fatalmente de acostar-se como agregado á patronagem dos grandes proprietários"²².

21 ROMERO, Silvio. *O Brasil Social (Vistas syntheticas obtidas pelos processos de Le Play)*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Comércio, 1907. p. 7.

22 *Idem*, p. 10.

como resultado da concessão de sesmarias interminas, que lhes barrou o acesso à terra e aos meios de sobrevivência. O que de moderno haveria nessa estrutura seria a incorporação dos ex-escravos a essa "enorme massa de população proletária, quer dos campos, quer das grandes povoações"²³. Tal situação seria ainda agravada pelo comportamento das elites intelectuais, "eivadas de estrangeirices", que através de seus escritos desviava os governos de seu dever para com a maioria da população nacional.

"Quero falar da singularissima teima dos intellectuaes de toda a casta de dizerem mal das gentes da roça, sertanejas ou não, sem se lembrarem que, ha quatro seculos, ellas é que trabalham e produzem, ellas é que se batem, isto é, sem se lembrarem que ellas é que têm sustentado o Brasil, como povo que vive e como nação que se defende."²⁴

Concluindo, um pouco adiante:

"O problema brasileiro por excellencia consiste exactamente em comprehender este facto tão simples e tratar de fazer tudo que fôr possível em pról de taes populações, educando-as, ligando-as ao sólo, interessando-as nos destinos desta pátria."²⁵

De acordo com Silvio Romero a desagregação da sociedade brasileira não se limitava à população pobre, ela tinha um caráter mais amplo e geral, estendendo-se às demais "classes" que também se encontravam decadentes ou insuficientes – nem o operariado rural, nem os pequenos proprietários, nem a pequena ou grande burguesia aqui, estavam organizadas como nas nações mais adiantadas, de caráter particularista²⁶. Tais deficiências, atribuiu-as às origens raciais dos povos formadores da nação e à natureza do meio, "aspero, em grande parte enganoso, pelas facilidades outorgadas à vadiagem"²⁷, de forma que juntaram-se dois fatores – raça e meio – dos quais surgiu e se conformou o "caráter

23 Idem, p. 10.

24 Idem, p. 11.

25 Idem, p. 12.

26 Silvio Romero divide os povos entre aqueles de índole *comunitaria*, que são especialmente os latino-americanos e os de índole *particularista*, que ele identifica com os que estão a frente da civilização (ingleses, alemães, americanos, por exemplo). Entre os povos de índole *comunitaria* predominam as características de apoio na coletividade para a solução de problemas, seja este grupo a família, o clã ou os poderes públicos; enquanto que nos povos de índole *particularista* predomina a energia individual, a autonomia criadora da vontade e da iniciativa particular. Idem, p. 8.

27 Idem, p. 14 (ênfase do autor).

nacional". No diagnóstico de Silvio Romero, dessa formação resultou uma profunda anomalia, no sentido de que a sociedade brasileira não tinha uma hierarquia social, ou seja, não possuía classes intermediárias entre a elite e a massa do povo. Essas classes intermediárias, tanto no campo como na cidade, é que proporcionariam a estabilidade social a partir de grupos que teriam *interesses comuns a defender e interesse na defesa da nação*. No limite, a ausência dessa hierarquia conduziria à conclusão de que "o Brasil não tem povo"²⁸, ou seja, o Brasil não tem povo apto ao exercício da cidadania.

Uma diferença fundamental na orientação do pensamento entre Euclides e Romero estava na forma de encarar o mestiçamento a que esteve submetida a população brasileira. Enquanto Euclides via no mestiço um "desequilibrado a apagar-se da vida e da história" da nação, Romero via no mestiçamento a possibilidade de formação da identidade nacional, através do branqueamento da população a partir dos cruzamentos entre os nacionais e os imigrantes recém-entrados. Ao analisar as raças que constituíram o povo brasileiro, retomou o mito da três etnias originais, na *História da Literatura Brasileira*, para concluir que:

"O mestiço é o produto fisiológico, étnico e histórico do Brasil; é a forma nova de nossa diferenciação nacional.

Nossa psicologia popular é um produto desse estado inicial. Não quero dizer que constituiremos uma *nação de mulatos*; pois que a forma branca vai prevalecendo e prevalecerá; quero dizer apenas que o europeu aliou-se aqui a outras raças, e desta união saiu o genuíno brasileiro, aquele que não se confunde mais com o português e sobre o qual repousa o nosso futuro."²⁹

Ao final do volume, numa análise que pretende uma avaliação do meio e da raça na formação da identidade nacional, Silvio Romero considerou a influência da raça superior à do meio, apesar da grande influência deste, concluindo, com relação ao Brasil:

"Deste imenso mestiçamento *físico e moral*, desta fusão de *sangues* e de *almas* é que tem saído diferenciado o brasileiro de hoje e há-de sair cada vez mais nítido o do futuro."³⁰

28 Idem, p. 19. Expressão utilizada originalmente por COUTY, Louis. *L'Esclavage au Brésil*. Paris, 1881, p. 87.

29 ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Tomo I – 5ª ed. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio Ed., 1953. p. 132-33 (ênfase do autor)

30 Idem, p. 34 (ênfase do autor).

Em outro trecho, o autor é mais enfático ainda:

"O mestiço é a condição dessa vitória do branco, fortificando-lhe o sangue para habilitá-lo aos rigores do nosso clima."³¹

Euclides da Cunha e Silvio Romero concordavam em que havia muito a se fazer e que só o tempo – a história – ultimaria o surgimento da figura do brasileiro. A política deveria encontrar formas para a sua inclusão na vida nacional: o acesso à cidadania e ao mercado de trabalho. Concordavam numa formação em vias de processamento ainda por um longo período e consideravam que a entrada de povos superiores, os imigrantes, poderia significar o aniquilamento do brasileiro.

Romero recomendava o aproveitamento do nacional – "Quero em primeiro lugar que se aproveitem os elementos nacionais"³². Temia a concentração de imigrantes no sul do país e aconselhava que estes fossem espalhados pelos quatro cantos num processo que denominava "colonização integral".

"Os *colonos nacionais* deveriam sistematicamente, se isso fôsse possível, acompanhar de perto as levas de colonos estrangeiros para dois fins principais: aprenderem com êles os novos métodos e as novas idéias de trabalho e mais facilmente cruzarem com êles para assimilá-los."³³

Surgiria daí uma população nacional mais branca, que teria assimilado qualidades da raça superior e, simultaneamente, formado uma identidade própria. Esse é um ponto crucial no pensamento de Silvio Romero, a predominância da raça superior. O espaço que ele reserva ao negro em sua obra é diminuto e nada enaltecedor, apesar de reconhecer a sua importância na formação da nacionalidade. Antonio Cândido afirma que ele, "lucidamente convencido da importância das componentes africanas e do nosso caráter de povo mestiço, e ao mesmo tempo vendo como solução dos problemas a superação, quanto mais rápida melhor, de uma coisa e de outra, pela formação compensatória de uma população de aspecto aproximadamente branco,

31 Idem, p. 149.

32 Idem, p. 45.

33 Idem, p. 46 (ênfase do autor).

que fizesse o Brasil *parecer* igual aos países da Europa³⁴. Uma de suas referências é a seguinte:

"Resta-me falar dos povos negros que entraram em nossa população. Eram quasi todos do grupo *bantu*. São gentes ainda no período do fetichismo, brutais, submissas e robustas, as mais próprias para os árduos trabalhos de nossa lavoura rudimentar.

O negro é adaptável ao meio americano; é suscetível de aprender; não tem as desconfianças do índio; pode viver ao lado do branco, aliar-se a êle. Temos hoje muitos pretos que sabem ler e escrever; alguns formados em direito, medicina, ou engenharia; alguns comerciantes e ricos; outros jornalistas e oradores. Ao negro devemos muito mais do que ao índio: êle entra em larga parte em tôdas as manifestações de nossa atividade. Cruzou muito mais com o branco."³⁵

Como se vê, o negro teria algumas "qualidades" ou "potencialidades": além de contribuir para a aclimação e resistência dos mestiços em que redundaria, tinha como qualidade máxima, o fato de ser raça inferior que, seguramente seria superada pela superior no processo de branqueamento.

MANOEL BOMFIM: um contraponto

Numa contraposição às ambigüidades e dificuldades em se pensar o peso do meio e da raça na formação dos povos que estiveram presentes no pensamento de Euclides da Cunha e Silvio Romero, encontramos Manoel Bomfim, apresentando uma posição que dava um peso maior à herança cultural na formação dos povos e negando o peso racial ainda que permanecesse preso aos parâmetros explicativos do cientificismo da época. Em *A América Latina – Males de origem*, desenvolveu toda uma introdução dedicada a mostrar os parâmetros de evolução da sociedade e da similaridade do seu funcionamento com o organismo biológico: "As sociedades obedecem a leis de uma biologia, diversa da individual nos aspectos, mas em essência idêntica". E, "como organismos vivos, as sociedades dependem, não só do meio, não só das condições de lugar, mas também das condições

34 CÂNDIDO, Antonio. "De cortiço a cortiço" IN: *Novos Estudos Cebrap*, n. 30. São Paulo: CE-
BRAP, julho/1991, p. 121 (ênfase do autor).

35 ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Op. cit. p. 132. (ênfase do autor).

de tempo... Uma nacionalidade é o produto de uma evolução; o seu estado presente é forçosamente o resultante da acção do seu passado, combinada á acção do meio."³⁶

Conceito fundamental na sua teoria para explicar os diversos graus de desenvolvimento das sociedades e o atraso relativo da América Latina como um todo, foi o de *parasitismo*. Da analogia com o mundo biológico, ele inferiu a dependência dos organismos que se tornam parasitas e a sua inadequação para a sobrevivência por si mesmos. Transpostos para a sociedade, ele o elabora de forma a considerar que todo o passado colonial tenha se dado na base de uma exploração parasitária da Europa sobre a América (a América Latina em especial teria sido colonizada por povos já decadentes e sem iniciativa) de forma que as instituições resultantes carregavam vícios decorrentes da sua formação, da sua história:

"Assim, é uma consequência fatal em biologia; que, tornando-se parasita, um organismo degenera, involue."³⁷

O mesmo acontece no organismo social. O parasitismo leva à degeneração e à degradação. O fenómeno não se restringia às relações metrópole/colônia, mas se reproduzia nas demais relações sociais, na cadeia explorador/explorado³⁸. Todas as situações em que houvesse alguém vivendo do trabalho de outrem seria caracterizada pelo parasitismo. O Brasil tinha uma herança cultural que vinha se agravando por três séculos de colonização e essa herança contribuía para dificultar o caminho em direção ao progresso em todos os sentidos e, em especial, no que diz respeito ao progresso social e moral, sendo este último analisado de forma a que se considere como progresso não só os meios técnicos mas os laços de solidariedade, de forma a que os benefícios advindos da técnica sejam melhor distribuídos pela sociedade.

"Em que consiste, em última analyse, o progresso social? No desenvolvimento da intelligencia, pelo esforço continuo para

36 BOMFIM, Manoel. *A América Latina - Males de Origem*. Rio de Janeiro/ Paris: H. Garnier Livreiro-Editor, 1905. p. 21.

37 Idem, p. 30.

38 Para mostrar a decadência e degeneração das classes que se tornam parasitárias, Manoel Bomfim utiliza dados de vários autores para diferentes períodos, no sentido de provar que as classes superiores, "dominantes, exploradoras, em todas as civilizações, tanto nas antigas como nas modernas", tendem a desaparecer no intervalo de algumas gerações, havendo sempre um movimento de renovação com elementos das classes inferiores em ascensão. Com esse movimento permanente, seriam justamente as classes inferiores que garantiriam a sobrevivência da nação. Idem, p. 38 e seguintes.

aproveitar do melhor modo possível os recursos havidos da natureza, da qual tiramos a subsistência, e no apuro dos sentimentos altruísticos, que tornam a vida cada vez mais suave, ..."³⁹

A partir desse raciocínio conclui, como assinalou Thomas Skidmore:

"O Brasil só poderia escapar ao seu relativo atraso por uma análise cuidadosa das causas históricas dessa condição."⁴⁰

A condição patológica do Brasil, como de resto da América, baseava-se na história e no caráter nacional – daí a expressão de Manoel Bomfim, "males de origem" – e não na etnia, como procuravam demonstrar as idéias correntes na Europa da época. Bomfim procurou contrapor à raça, a cultura e a história dos povos. Desfiou uma série de situações para demonstrar que em cada uma delas, os povos e nações podem aparecer como superiores ou não⁴¹. A suposta inferioridade dos povos latino-americanos e, principalmente, da parcela de população mestiça com índios e negros, que é apresentada como incapacitada para o progresso, de acordo com o autor, teria por finalidade a simples justificação do exercício de dominação.

Manoel Bomfim aponta como "influências hereditárias" predominantes na formação do caráter das populações latino-americanas, as provenientes de portugueses e espanhóis e, secundariamente, a de negros e indígenas; tal posição secundária, no entanto, é atribuída não aos seus caracteres étnicos, mas à sua reduzida evolução cultural:

"Em primeiro lugar, os indígenas e negros, sendo povos ainda muito atrasados, não possuem, nem qualidades, nem defeitos, nem virtudes, que se impuzessem aos outros e provocassem a imitação."⁴²

Sua assertiva baseia-se no fato de que os povos menos preparados, que não possuem um peso dado pelo passado, pela tradição histórica, seriam

39 Idem, p. 32.

40 SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco – raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 130.

41 BOMFIM, Manoel. *A América Latina – Males de Origem*. Op. cit. p. 278 e seguintes.

42 Idem, p. 269.

assimilados e se adaptariam à cultura dos povos mais adiantados; além, é claro, da questão de que esses povos, no processo de colonização foram submetidos pela força e obrigados (privados da liberdade) a contrariar o seu próprio caráter e a amoldar-se ao daqueles que dominam. Ao referir-se aos defeitos que classicamente se atribui aos negros, ressaltou serem estes fruto da própria situação de escravidão e não defeitos de "caráter":

"...citam-se os classicos defeitos dos negros: submissão incondicional, frouxidão de vontade, docilidade servil... – Taes qualidades são antes o effeito da situação em que os collocaram."⁴³

e lembra os episódios de resistência para corroborar a sua afirmação:

"... Heroicos fôram elles de resistir como resistiram. A história das revoltas dos negros nas Antilhas, a historia de Palmares e dos quilombos ahi estão para mostrar que não faltava aos africanos e seus descendentes, nem bravura, nem vigor na resistência, nem amor á liberdade pessoal. Si, hoje, depois de trezentos annos de captiveiro (do captiveiro que aqui existia!) esses homens não são verdadeiros monstros sociaes e intellectuaes, é porque possufam virtudes notáveis."⁴⁴

Ao falar dos mestiços – caboclos – Bomfim lembra Canudos para demonstrar-lhes a coragem e resistência e, mais uma vez, refuta as qualidades negativas que se lhes quer atribuir enquanto caráter social, atribuindo-as, antes à falta de educação social. Essas qualidades negativas, o "desinteresse, indolência, etc., (são) apontadas como defeitos imperdoáveis por todos esses que desejariam vêr o caboclo a devorar-se na labuta, para enriquecer ... o paíç, quer dizer: o intermediario parasita, o senhor de engenho, o dono da mina..."⁴⁵.

A representação de Manoel Bomfim confirma a do caboclo indolente, incapaz, sem ambição. Uma diferença no entanto: ao refutar e desvendar o mecanismo de dominação presente nas teorias raciais e analisar as causas de atraso pela herança cultural; ainda que ele utilize as mesmas metáforas

43 Idem, p. 271.

44 Idem, p. 271-272.

45 Idem, p. 275.

explicativas⁴⁶, retira a questão do âmbito da natureza e a traz para o âmbito da sociedade e da política, num processo de biologização do social, que conserva, no entanto, uma tensão permanente entre natureza e cultura. A formação da nação civilizada, já que este é o caminho inevitável da evolução dos povos, poderia ser alcançada pela educação social:

"Ensinem-lhe a trabalhar, inspirem-lhe desejos novos, mostrem-lhe que ha gozos superiores – a conquistar pelo trabalho, convençam-n'os, e, principalmente, saibam dar as garantias de que, trabalhando, elles vêm trabalhar para si... e ao cabo ele acceitará, e se habituará a trabalhar."⁴⁷

No dizer de Manoel Bomfim o *trabalhador nacional* foi condenado no passado porque não havia espaço para o trabalho livre: "não ia (o trabalhador nacional) disputar a escravidão ao escravo!...". Uma população que

"não trabalhava, e ainda hoje trabalha mal (...). Quando todo o trabalho nacional era feito por negros e indios captivos, quando era possível haver escravo para tudo, não havia lugar para o trabalhador livre, a menos que elle não (sic) quizesse trabalhar nas mesmas condições e pelo mesmo preço que o escravo – um salário tão insignificante quanto o custo da alimentação do negro, e a mesma obediência ao senhor."⁴⁸

Essa visão ou condenação do povo sul americano, para Bomfim, foi uma construção de estrangeiros que, ignorantes das condições sociais de vida desses povos, lhes imputou o ser preguiçoso e incapaz para o trabalho. Imagem que, à custa de ser continuamente repetida, tornou-se inquestionada, não importando mais suas qualidades. Para Bomfim, eles precisariam educação para o trabalho e instrução. A essa desqualificação foi sobreposta a valorização do imigrante – "os panegyricos classicos ao trabalhador estrangeiro"⁴⁹ e, a elite brasileira, ao veicular tal ordem de idéias e contri-

46 Flora SUSSEKIND e Roberto VENTURA analisaram o universo metafórico de Manoel Bomfim com relação ao tempo em que ele produziu. Bomfim criticou a pretensa neutralidade da produção cientificista, onde não haveria lugar para as metáforas que seriam representadas como relações homológicas, objetivas e verificáveis. De acordo com os autores, Manoel Bomfim mostra como as relações homológicas privilegiadas pelo cientificismo assentam-se em analogias não explicitadas pelo discurso científico. Bomfim, ao contrário, constrói seu discurso crítico "com base em um emprego explicitado de metáforas". *Op. cit.* p. 15 e seguintes (ênfase do autor).

47 BOMFIM, Manoel. *A América Latina – Males de Origem*. *Op. cit.* p. 275.

48 *Idem*, p. 143.

49 *Idem*, p. 191.

buir para essa desqualificação, foi acusada por Bomfim de tentar construir uma nação sem povo, ou construir um povo através da imigração. Não existe povo no Brasil, é preciso fazê-lo, é necessário conhecer os "males de origem", saber as "causas essenciais", que permitam indicar o "remédio" adequado. A inferioridade racial, com seu pretensão caráter científico deve ser posta de lado:

"Estes conceitos só nos devem impressionar pela ameaça que contêm, e não pelo seu mérito científico, nem para que duvidemos do futuro e de nós mesmos."⁵⁰

Concluindo que o grande mal que aflige o Brasil e, de resto, a América Latina é a "ignorância, é a falta de preparo e educação para o progresso", um remédio existe: "a necessidade imprescriptível de atender-se á instrução popular, si a América Latina quer se salvar."⁵¹ A argumentação de Bomfim se respalda na idéia de que não existe democracia sem povo e que as invocações do progresso e civilização aqui são estéreis – pretendeu-se conciliar antagonismos: "República, democracia, liberdade – e ignorância..."⁵²

Como Euclides, vê o progresso e a civilização como avassaladores – vitória crescente sobre a natureza:

"A América Latina está ameaçada; a civilização transborda sobre ella, e esse transbordamento será uma ameaça e um perigo, si ella, por um esforço consciente e methodico, não buscar a unica salvação possivel: avançar para o progresso, entrar no movimento, apresentar-se ao mundo, vigorosa, moderna, senhora de si mesma, como quem está resolvida a viver, livre entre os livres."⁵³

A condição para a conquista da civilização é o conhecimento e, portanto, a instrução popular. Se há uma inferioridade dos povos latinos esta é a da ignorância, da falta de preparo para o progresso. Preparo que deveria estar no centro da política republicana.

"o povo não se dirige por si, não se fez por si, não tem sido o senhor dos seus destinos; tem sido dirigido, governado, educado pelas classes dominantes; ele é o que o fizeram, e si não presta, a culpa é de quem o não soube educar."⁵⁴

50 Idem, p. 398.

51 Idem, p. 399.

52 Idem, p. 402.

53 Idem, p. 387.

54 Idem, p. 197.

Manoel Bomfim levou vários anos para publicar novos escritos⁵⁵ e sua perspectiva mudou. Ele deixou de acreditar que as elites e o governo republicano adotariam o caminho pedagógico para a elevação e construção do povo brasileiro, passando a afirmar que essa tarefa só poderia ser levada a cabo pelos próprios oprimidos, através da revolução, permanecendo a tarefa educacional para uma segunda etapa. Uma democracia só poderia ser construída a partir da existência de um povo e este só poderia existir a partir da educação popular. Revolução e educação surgindo como a terapêutica possível para a superação dos "males de origem". Remédio necessário que, infelizmente, de acordo com ele, não se prenunciava.

Imaginário e identidade: (des)encontros

O pensamento que se desenvolveu na virada do século XIX para o XX a respeito da população nacional brasileira teve uma importância grande na constituição e disseminação de um imaginário que foi se tornando cada vez mais impositivo: veio de uma contraposição do nacional face ao imigrante, formou-se simultaneamente às preocupações com a formação do mercado de trabalho livre e à constituição da nacionalidade e da nação; recebeu influências, talvez a mais significativa, das teorias deterministas então difundidas com peso e autoridade conferidos pela ciência, num amálgama, de certa forma original, com idéias oriundas do liberalismo⁵⁶. Antonio Cândido, em estudo sobre Silvio Romero, assinalou a importância do cientificismo e a sua adequação ao momento histórico vivido no Brasil da segunda metade do século XIX, avaliando que "os

55 *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929); *O Brasil na História: deturpação das tradições, degradação política* (1930); *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira* (1931). Rio de Janeiro: todos editados pela Francisco Alves.

56 A idéia do intelectual brasileiro, em especial no período de que tratamos como receptivo a ideários diferentes e até opostos, foi expressa por Sergio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* - "É frequente, entre os brasileiros que se presumem intelectuais, a facilidade com que se alimentam, no mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes e com que sustentam, simultaneamente, as convicções mais díspares." HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria J. Olympio Ed., 1982, p. 113. Também SEVCENKO, Nicolau. em *Literatura como Missão* - "Correntes essas (o cientificismo e o liberalismo) que com maior frequência tendiam a aparecer em estado de extravagante combinação, compondo um dos traços mais peculiares do pensamento do período, do que na condição depurada contida nos seus extremos." *Op. cit.* p. 83. M. Stella BRESCIANI mostrou que no pensamento republicano brasileiro, houve uma convivência entre as concepções positivista e liberal, com o predomínio desta última, afirmando que as propostas do positivismo ilustrado, com frequência, tendiam a se confundir com as proposições liberais. BRESCIANI, M. Stella. *Seminário sobre a presença do positivismo no movimento republicano*. Unicamp, 1991.

exageros a que chegou a crítica determinista são explicáveis pela atmosfera do tempo – do "século da biologia", em que parecia possível estabelecer um nexos causal em todos os domínios do conhecimento –, e este próprio exagero é a marca da sua generosa ambição."⁵⁷ O cientificismo acabou servindo como elemento propulsor da mudança e da transformação, da crítica de uma cultura arcaica, romântica e ainda presa às tradições jesuíticas e conservadoras, resultando na formação de elementos que tinham na literatura um canal de renovação cultural e de propostas de mudanças sociais.

Nesse contexto, utilizando um mesmo quadro paradigmático e possuindo um sistema discursivo próximo, os três autores analisaram a sociedade brasileira da época, tornando-se críticos acerbos tanto do Estado como das elites, avançando propostas de reformas que levassem à incorporação de parcelas consideráveis da população à vida política, enquanto cidadãos. A idéia basilar desse pensamento estando voltada para o progresso e a modernidade do Brasil ponderava aquilo que faltava para que o Brasil constituisse uma nação na ordem do dia. Vários argumentos levaram à idéia aparente de que o Brasil precisava formar um povo para que a nação viesse a existir – para isso era necessário uma identidade. Há uma convergência vinculando educação e exercício da cidadania. A idéia de povo, ou melhor, a maior ou menor amplitude de pessoas abarcadas pelo conceito⁵⁸ indicava o limite da crítica e das propostas reformistas.

Essas primeiras representações do Brasil e do povo brasileiro, em especial as que alcançaram maior repercussão, tiveram uma importância fundamental na constituição do imaginário a respeito do nacional. Carregavam, no entanto, uma certa fluidez decorrente da ambigüidade e das dificuldades próprias ao terreno em que se movimentavam. Nelas predominaram o diagnóstico, a crítica, a proposta, o lamento e o pesar profundo pela situação do povo brasileiro.

Abstract: The article analyzes some of the scientific presumptions present in the first attempts to gain knowledge about Brazil and its people during the transition of the 19th to the 20th century,

57 CÂNDIDO, Antonio. *O Método Crítico de Silvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988. p. 114.

58 Em palestra no IEA-USP em 1988, "Radicalismos", Antonio CÂNDIDO, explorando os momentos em que no Brasil apareceram propostas radicais e os limites entre radicalismo e reforma, aponta a perspectiva que se tem em relação ao conceito de povo como importante "para avaliar a radicalidade de um político ou intelectual brasileiro". *Estudos Avançados* 4/8, IEA/USP, 1990. p. 9.

R. História, São Paulo, n. 129-131, p. 31-51, ago.-dez/93 a ago.-dez/94.

they aimed at establishing an identity for the Brazilian people, diagnosing their problems and evaluating the perspectives as well as the possibilities in achieving progress and becoming a civilized nation. The author examines these issues through the writings of Euclides da Cunha, Silvio Romero, and Manoel Bomfim.

KEY-WORDS: representation, race, people, identity, progress.